



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS I BODOCONGÓ
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
CURSO DE PSICOLOGIA

FERNANDA ALMEIDA VITORINO MARTINS

O HOMEM, A MORTE E O TEMPO

CAMPINA GRANDE – PB

2013

FERNANDA ALMEIDA VITORINO MARTINS

O HOMEM, A MORTE E O TEMPO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel/Licenciado em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jailma Souto Oliveira da Silva

CAMPINA GRANDE – PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

M386h Martins, Fernanda Almeida Vitorino.
O homem, a morte e o tempo [manuscrito] / Fernanda
Almeida Vitorino Martins. – 2013.

49 f.

**Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Psicologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro
de Ciências Biológicas e da Saúde, 2013.**

“Orientação: Profa. Dra. Jailma Souto Oliveira da Silva,
Departamento de Psicologia”.

1. Morte. 2. Psicanálise. 3. Comportamento social. I. Título.

21. ed. CDD 155.937

FERNANDA ALMEIDA VITORINO MARTINS

O HOMEM, A MORTE E O TEMPO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel/Licenciado em Psicologia.

Aprovada em 10/09/2013

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Jailma Souto Oliveira da Silva / UEPB

Orientadora



Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio / UEPB

Examinador



Prof. Ms. Jorge Dellane da Silva Brito / UEPB

Examinador

**“...mas não sou completa, não. Completa lembra realizada. Realizada é acabada.
Acabada é o que não se renova a cada instante da vida e do mundo.
Eu vivo me completando... Mas falta um bocado.”**

Clarice Lispector

O HOMEM, A MORTE E O TEMPO

MARTINS, Fernanda Almeida Vitorino¹

A morte é um tema inquietante, que desperta curiosidades em leigos e estudiosos desde os primórdios da civilização. Diante do fato de ser um tema bastante investigado e ao mesmo tempo inesgotável, sempre aberto a investigações, despertou-se o desejo de realizar um estudo acerca das atitudes do homem diante da morte. Estudo esse realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica, na qual se buscou fazer um levantamento, ainda que breve, dos dados históricos, desde a Idade Média até os dias atuais, bem como de produções científicas que tratam dessa temática, tomando como norte o tempo, que nos conduz a analisar as diferenças existentes dentro desse percurso, do pensar a morte e do lidar com a finitude humana, atitudes essas, analisadas à luz da Psicanálise. Durante o percurso percebeu-se que a morte, antes vivenciada com familiaridade, atualmente é sentida com estranheza. É pela contradição entre a consciência de que um dia morreremos e pelo profundo desejo que existe em cada um de nós de atingir a imortalidade, que somos levados a construir um processo de expectativa de vida, procurando apagar a morte e negar sua existência. Nesse sentido, talvez refletindo a inevitabilidade da morte, pudéssemos reconhecer o real valor da vida, entregando-se ao desafio não só para viver e sermos socialmente mais úteis, mas também para morrer dignamente e saudar a morte, tendo assim uma visão mais alargada da nossa razão de “ser” e de “estar”.

PALAVRAS-CHAVE: Morte. Psicanálise. Tempo.

¹ Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.
nanda_almeida1000@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A morte é um tema inquietante, que desperta curiosidades em leigos e estudiosos desde os primórdios da civilização. Seja com relação à própria morte ou a de outrem, especialmente de um ser próximo, o deparar com essa realidade desperta no sujeito incompreensões e sentimentos conflitantes, pondo-lhe em reflexão acerca da finitude da existência humana.

Atualmente é visível o temor exacerbado da morte, que resulta numa negação: num evitar ou eliminar qualquer pensamento referente ao tema ou numa banalização do mesmo, porém nem sempre isso foi vivenciado dessa forma. As atitudes do homem diante da morte tem se modificado lentamente, por vezes, de maneira despercebida pelos povos de cada época, mas a História mostra as características de cada período para situar as divergências que apresentam.

Diante do fato de ser um tema bastante investigado e ao mesmo tempo inesgotável, sempre aberto a investigações, despertou-se o desejo de realizar um estudo acerca das atitudes do homem diante da morte. Estudo esse realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica, na qual se buscou fazer um levantamento, ainda que breve, dos dados históricos, desde a Idade Média até os dias atuais, bem como de produções científicas que tratam dessa temática, tomando como norte o tempo, que nos conduz a analisar as diferenças existentes dentro desse percurso, do pensar a morte e do lidar com a finitude humana.

O percurso deste trabalho tem início com as atitudes do homem diante da morte na Idade Média, quando se reconhece uma familiaridade com a morte, uma aceitação ao fato, ao qual o homem está destinado, seguido de uma pequena transformação que ocorre na segunda metade da Idade Média, quando se mantém a aceitação da morte, porém se introduz uma preocupação com a particularidade de cada sujeito e o reconhecimento da importância da própria existência.

Conclui-se com a abordagem das grandes mudanças que começam a aparecer a partir do século XVIII, quando se reconhece a morte como uma ruptura e se desenvolvem atitudes de intolerância, levando-a ao esquecimento, atitudes essas, analisadas à luz da Psicanálise.

Para a produção deste trabalho, foram utilizados autores clássicos e contemporâneos, dentre os quais está ARIÈS (2003), trazendo as atitudes diante da morte desde a Idade Média, com suas ínfimas mudanças, até o começo do século XX, quando houve uma ruptura na maneira de sentir e vivenciar a morte e BECKER (2007), FREUD ([1913; 1915; 1919; 1920] 1996), KOVÁCS (2002), entre outros que se debruçaram na investigação da subjetividade

humana e contribuíram para os conhecimentos teóricos desenvolvidos sobre o homem e os processos psíquicos, em especial, referentes aos processos que o levam a negar a realidade da morte.

REFERENCIAL TEÓRICO

Perspectiva histórica: Da morte domada a morte interdita

Em sua obra *História da Morte no Ocidente* (2003), Philippe Ariès realiza um estudo, observando a relação do homem com a morte, a qual provoca e recebe inúmeras interpretações e significações durante a vida de cada ser humano. Nela, Ariès diferencia a relação do homem com a morte de três maneiras: a primeira que segue dos primeiros tempos de Idade Média, onde se reconhece a morte como domada, a segunda, a partir do século XII, aproximadamente, quando o homem reconhece a importância da sua existência, dando um sentido mais dramático a vivência da morte e a terceira, que aponta para o interdito lançado sobre a morte, relativo às atitudes contemporâneas.

Na época da morte domada, os sujeitos eram advertidos de sua condição, eles sabiam que a morte estava próxima e por ela esperavam. “O aviso era dado por signos naturais ou, ainda com maior frequência, por uma convicção íntima” (ARIÈS, 2003, p. 27). Os sinais eram recebidos por meio da intuição e reconhecidos espontaneamente.

Com o passar do tempo, ainda na primeira fase da Idade Média, algumas mudanças ocorreram, agora, além da sapiência da chegada da morte, a presença da religiosidade cristã é marcante nas vivências dos sujeitos, “que não tinham pressa em morrer, mas quando viam chegar a hora, sem precipitação nem atraso, como devia ser, morriam cristãos” (GUITTON, 1941 apud ARIÈS, 2003, p. 31). Cristãos que viam a morte como a hora do encontro com o Deus Pai.

A morte era percebida como algo muito simples, que apresentava consigo rituais próprios para o momento: Deitar-se, jazendo no leito de espera, em que o sujeito mantém seu rosto direcionado ao céu; mãos cruzadas, em atitude de oração, onde ali o podia despojar-se e seguir o ritual do lamento a vida perdida, do perdão pedido e concedido aos que ficam e das preces ao Pai celestial, Aquele que pode conceder-lhe o Paraíso, concessão entendida por meio da absolvição sacramental. Todos admitiam a morte, e “não apenas não retardavam o momento de prestar contas, como também se preparavam calma e antecipadamente” (ARIÈS, 2003, p. 35).

É importante destacar essa característica do lidar com a morte dos séculos passados: com simplicidade, onde os ritos eram aceitos e cumpridos, de modo cerimonial, sem caráter dramático ou de emoção excessiva. Ritos considerados por alguns autores, como maneiras de lidar mais facilmente com o confronto com a morte.

Dentro dessa familiaridade com a morte, é importante também apontar outro aspecto da época: apesar de lidarem bem com o fato, os antigos temiam a proximidade dos mortos e os mantinham à distância. E para tanto se proibia enterros no interior das cidades. Os cemitérios eram construídos fora das mesmas. “O mundo dos vivos deveria ser separado do mundo dos mortos” (ARIÈS, 2003, p. 36).

De acordo com as ideias primitivas, uma pessoa só morre se for morta – pela magia, quando não pela força e – uma morte assim tende naturalmente a tornar a alma vingativa e mal-humorada. Tem inveja dos vivos e anseia pela companhia dos velhos amigos; não é de admirar, portanto que envie doenças para causar a morte deles... (WESTERMARCK, 1906 apud FREUD, [1913] 1996, 81).

O morto contém um paradoxo, pois de um lado compreende a sacralidade e do outro a impureza, de forma que qualquer aproximação a este signo torna impuro também quem o toca. Em *Totem e tabu* (1913), Freud aponta esse paradoxo e explica em duas vertentes: A contaminação está relacionada à decomposição orgânica da carne e a nudez do esqueleto comido por vermes, o que para Lacan seria o encontro com o real, “aquilo que não se explica, mas que também não se cessa de se inscrever”; Depois, o mundo dos mortos é sem volta, sendo assim, eles são portadores de maldição, mau agouro, eles habitam o desconhecido. A partir daí, começaram as construções de Igrejas, em torno das quais os corpos eram enterrados. Tinha-se a ideia de que próximos aos santos, os sujeitos tinham salvação assegurada.

Durante a segunda fase da Idade Média, ou seja, a partir dos séculos XI e XII, o homem mantém a familiaridade com a morte, a qual é um fenômeno natural, porém algumas modificações ocorreram dando um sentido mais dramático e pessoal a essa sujeição, introduzindo uma preocupação com a particularidade de cada sujeito e o reconhecimento da importância da própria existência.

Ariès apresenta alguns fenômenos que fazem com que o homem redescubra a sua individualidade e reconheça a si próprio em sua morte. O cristianismo opera nessas mudanças destacando a responsabilidade de cada sujeito perante o juízo final, a qual desenvolveu no mesmo a preocupação em viver dignamente, eis que no fim dos tempos, cada um será julgado por meio das ações realizadas. “Cada homem é julgado segundo o ‘balanço de sua vida’, as boas e más ações são escrupulosamente separadas nos dois pratos da balança” (ARIÈS, 2003, p.48).

A escatologia passa então a ter seu suporte de sustentação nos ensinamentos e nas revelações apocalípticas. Essas falam da ressurreição dos mortos, do grande juízo final e da

separação entre justos e injustos. É ressaltada a prestação de contas individual, segundo o merecimento de cada um; juízo inscrito no livro da vida.

Nesse sentido, a preocupação com o resultado do juízo final, após a morte é o que ordena as ações de cada sujeito em vida. Observa-se aqui a recusa em assimilar o fim da existência à dissolução física. Acreditava-se em uma vida além da morte que não ia necessariamente até a eternidade infinita, mas que promoveria uma conexão entre a morte e o final dos tempos, quando, finalmente, os bons receberiam a “gloriosa ressurreição” e os maus não despertariam. A partir disto a visão teológica da morte passou a ser vista com pavor. A Igreja passou a ser uma fonte de terror e tortura, não de consolação. Agora a morte era considerada o castigo de Deus para o homem, a qual revelava suas culpas e indignidades.

Outro fenômeno apresentado por Ariès, diz respeito à ideia de o juízo final ser realizado não mais no último dia dos tempos, mas no quarto do moribundo, no leito jacente, onde suas últimas ações são determinantes para sua salvação ou condenação. Ali o sujeito é posto à prova, prova essa que substitui o Juízo Final.

O moribundo verá sua vida inteira, tal como está contida no livro da vida, e será tentado pelo desespero por suas faltas, pela “glória vã” de suas boas ações, ou pelo amor apaixonado por seres e coisas. Sua atitude, no lampejo deste momento fugidivo, apagará de uma vez por todas os pecados de sua vida inteira, caso repudie todas as tentações ou, ao contrário, anulará todas as suas boas ações, caso a elas venha a ceder (ARIÈS, 2003, p. 52).

Sendo assim, a morte, antes pensada apenas como um evento que acometia a todos os vivos de maneira indiscriminada, visto como um rito essencialmente coletivo, passou a ser relacionada com a biografia de cada vida particular, resultando numa preocupação individual e apresentando uma carga de emoção que antes não possuía.

Por fim, Ariès trata do fenômeno do aparecimento do “cadáver decomposto”, representação pouco difundida tanto na arte e na literatura, quanto na decoração de cemitérios e túmulos, mostrando o horror à morte física que o cadáver e demais objetos simbólicos poderia significar. “A decomposição é o sinal do fracasso do homem” (ARIÈS, 2003, p. 56). O homem do fim da Idade Média tinha uma consciência acentuada de que a vida era curta e de que a morte “despedaçava suas ambições e envenenava seus prazeres” (ARIÈS, 2003, p. 58).

A partir do século XVIII, o homem das sociedades ocidentais tende a dar à morte um sentido novo, se ocupa menos de sua própria morte, passando a temer a morte do outro, do ser amado, observando assim, uma associação entre a morte e o amor. “Como o ato sexual, a

morte é, a partir de então, cada vez mais acentuadamente considerada como uma transgressão que arrebatou o homem de sua vida cotidiana” (ARIÈS, 2003, p. 65).

A morte antes aceita, agora é abominada, não se comenta a respeito, não se expõe o defunto, não se permite o compartilhamento de tal realidade com crianças, acontecimentos antes direcionados para o sexo, do qual não se admitia nenhum tipo de exposição afetiva, principalmente em âmbito coletivo, divergindo da modernidade que tem-se educação sexual, mas a realidade da morte é evitada.

Ariès cita um estudo feito por Geoffrey Gorer, “*Pornography of Death*” [O significado da morte], contendo reflexões sobre a mudança da função social do luto. Discorrendo a respeito do fenômeno da rejeição e da supressão do luto, Gorer mostra que “a morte tornara-se vergonhosa e interdita como o sexo na era vitoriana, ao qual sucedia. Uma interdição era substituída por outra” (1955 apud ARIÈS, 2003, p. 229).

Diferentemente da familiaridade com a morte, que era vista nos séculos anteriores, a morte agora é considerada uma ruptura, que marca a nova maneira de sentir e vivenciar os rituais. Segundo Ariès (2003, p. 66), “no século XIX, uma nova paixão arrebatou a assistência. Ela é agitada pela emoção, choro, súplica, gestos. [...] Naturalmente, a expressão da dor dos sobreviventes é devida a uma intolerância nova com a separação”. Esse sentimento é a origem do culto moderno dos túmulos e dos cemitérios, era uma resposta à afeição dos sobreviventes e à sua recente repugnância em aceitar o desaparecimento do ente querido. “Apegavam-se a seus restos. Aí se recolhem, ou seja, evocam o morto e cultivam sua lembrança. A recordação confere ao morto uma espécie de imortalidade” (ARIÈS, 2003, p. 72).

O reconhecimento da morte acontecia, então, simultâneo a uma negação. “Na impossibilidade de lidar com a noção de aniquilamento do próprio eu, foi necessário preservar a imortalidade do outro e conservá-lo vivo” (SILVA, 2007, p. 53). Uma forma de recusa da morte é o recurso à técnica do embalsamamento. Percebe-se com a utilização deste processo para a preparação dos mortos uma forma de manter o ente querido por mais tempo entre os sobreviventes.

É interessante perceber que a partir daí, a posição do homem diante da morte revela-se ambígua, dependendo da relação que se tenha com o morto, as reações se diferenciam: diante da morte do inimigo, via-se alívio, vanglórias e diante da morte de pessoas queridas, dor e luto. “A dificuldade humana em lidar com a ambiguidade de sentimentos provocada pela ausência corporal deixada pelos entes queridos motivou a origem da ideia de uma vida para além da matéria” (SILVA, 2007, p. 53).

A crença de vida pós-morte defendida pelas religiões tem sua importância, pois conforta o sujeito com a ideia de que a morte é apenas uma passagem para uma outra vida. O ser humano não está preparado para aceitar a imposição de que seu destino é morrer e prefere acreditar que a morte é o começo de uma nova vida infinita.

Num primeiro momento, a crença na continuação da alma, e depois nessa vida pós-morte como algo carregado de características de satisfação, numa vida de mais promessas que a atual, chegando ao ponto de crer-se apenas preparatória para a futura. Essas elaborações corroboram “com a finalidade de despojar a morte do seu significado de término da vida. Assim, a origem da negação da morte como uma ‘atitude convencional e cultural’ remonta aos tempos mais antigos” (FREUD, [1915] 1996, p. 296).

Savater, no livro *As perguntas da Vida*, afirma que “dar-se conta de que os outros morrem, de que aquelas pessoas que nos cercam, um dia deixarão de “existir”, causa uma estranha e terrível sensação, porém, ainda mais espantosa é a constatação da própria morte” (2001 apud CUNHA, 2010, p. 185). A partir dessa consciência da própria finitude, o homem passa a não aceitá-la e negá-la, removendo-a para a periferia da nossa vida, dos nossos hábitos, dos nossos pensamentos, dando-lhe o lugar de esquecimento. Como cita Freud:

Nosso inconsciente, portanto, não crê em sua própria morte; comporta-se como se fosse imortal. O que chamamos de nosso inconsciente – as camadas mais profundas de nossas mentes, compostas de impulsos pulsionais – desconhece tudo o que é negativo e toda e qualquer negação; nele as contradições coincidem. Por esse motivo, não conhece sua própria morte, pois a isso só podemos dar um conteúdo negativo. Assim, não existe nada de pulsional em nós que reaja a uma crença na morte (1996, p. 297).

O homem moderno e a morte negada

Historiadores, sociólogos e psicanalistas que se detêm ao estudo da morte na atualidade têm verificado e denunciado um fenômeno recente, denominado “desaparecimento da morte”. Em nossa época, a morte tornou-se inominável. “Tudo se passa como se nem eu nem os que me são caros não fôssemos mais mortais. Tecnicamente, admitimos que podemos morrer, mas, no fundo de nós mesmos, sentimo-nos não-mortais” (ARIÈS, 2003, p. 102).

Segundo Amura, “o interdito da morte parece ser solidário com a modernidade, acompanhando os progressos da industrialização, da urbanização e da racionalidade. A sociedade que produz os meios eficazes para se proteger das tragédias quotidianas da morte, a fim de ficar livre para prosseguir em suas tarefas sem emoções nem obstáculos”.

Dentro desse interdito da morte, vivenciado na modernidade, vê-se algumas características que se diferem das dos séculos passados. O homem foi, durante milênios, o senhor soberano de sua morte e das circunstâncias da mesma (ARIÈS, 2003, p. 231). Atualmente, entretanto, a morte deve ser dissimulada, escondendo-se de um doente o seu verdadeiro estado de saúde. O doente não deve saber nunca que seu fim se aproxima. O novo costume exige que ele morra na ignorância de sua morte, sendo, os donos do domínio da morte, contando com a cumplicidade da família, quem decidem como se vai morrer, ou seja, a equipe do hospital, pra onde a morte foi transferida.

Segundo Maranhão (1998, p. 12), “nos dias atuais, um fator principal que contribuiu para a mudança de atitude foi o deslocamento do lugar da morte”. A maioria dos sujeitos que estão prestes a morrer, passam a última etapa de suas vidas em um hospital das grandes cidades, resignados ao desamparo próprio da condição e a solidão forçada pelo ambiente.

Os avanços produzidos pela ciência possibilitam o prolongamento da vida pelo maior tempo possível, mas não ajuda o sujeito a morrer.

“o conhecimento da ciência e do homem proporcionou melhores meios do indivíduo e de sua família se prepararem para o acontecimento inevitável, a morte. Mas acontece o contrário, pois já se vai longe os dias em que era permitido a um homem morrer em paz e dignamente em seu próprio lar” (KÜBLER-ROSS, 1981, p. 19).

A segunda mudança refere-se ao lidar com o moribundo na atualidade, a negação da responsabilidade da família para com o defunto, como aponta Maranhão:

Quando o óbito é atestado pelo hospital, o mesmo entrega o defunto para a família que o encaminha aos cuidados de uma organização especializada, ou seja, uma funerária. Diante do receio que se criou em torno da morte, o velório não se realiza mais na casa da família, onde o corpo ficava exposto na sala de visitas [...] O novo costume tolera cada vez menos a presença do defunto em casa. O corpo é enterrado numa cerimônia muito simples e rápida, como se quisesse neutralizar o acontecimento... (1998, p.17)

Não se tem mais aquele tempo de despedida do seu ente querido falecido. Todo o processo se torna praticamente instantâneo, durando o mínimo possível. Dá-se a impressão de que a família quer acabar logo com o sofrimento e esquecer o ocorrido. A morte e o luto não são vivenciados, são esquecidos e rejeitados. Não há espaço para o sofrimento. O dilaceramento da separação e a dor das saudades podem existir na família, porém, segundo os novos costumes, eles não os deverão manifestá-los publicamente.

Daí vê-se a terceira grande mudança que intervém nas atitudes diante da morte, ou seja, é a recusa do direito do luto aos familiares sobreviventes. Em *Luto e Melancolia* (1915), Freud aborda a questão do luto e sua diferença com relação à melancolia, que consiste em um luto patológico. Para o autor o luto é uma reação natural referente à perda de um objeto amado. É o momento em que o sujeito retira a libido do objeto que foi afastado ou não mais existe.

Segundo Ariès (2003, p. 87), “na modernidade é a emoção que é preciso evitar. Só se tem direito à comoção em particular, ou seja, às escondidas”. A sociedade moderna proíbe aos vivos de parecerem comovidos com a morte dos outros, não lhes permitindo nem chorar os que se vão, nem fingir chorá-los. A manifestação pública do luto é, hoje, considerada mórbida, como uma doença. “Aquele que o demonstra, prova fraqueza de caráter. Só se tem o direito de chorar quando ninguém vê nem escuta: o luto solitário e envergonhado é o único recurso que se tem na modernidade” (ARIÈS, 2003, p. 87).

Essa atitude de neutralização do luto é vista pelos psicólogos como perigosa e anormal. O luto é uma reação absolutamente sadia e faz parte do processo de desvinculação da libido do objeto perdido. Desta forma, a tentativa de interromper o luto é inútil ou até prejudicial ao sujeito, e a brusca substituição do objeto perdido tende a não ser aceita. O processo de desligamento é gradual e demanda um tempo que deve ser respeitado.

A intolerância com a morte do outro, com o passar do tempo, foi superado por um sentimento característico da modernidade: evitar. Evitar a perturbação e a emoção excessivamente fortes, insuportáveis, causados pela agonia e pela simples presença da morte em plena vida feliz, pois se admite que a vida é sempre feliz, ou deve sempre aparentá-lo. Contudo, essa religião da felicidade só é mantida para melhor revelar sua impossibilidade:

A felicidade, tal como o homem a concebe, é aquilo que é impossível em qualquer caso; e a felicidade, tal como se a pode obter, [...] só se adquire pelo estudo de todos os meios mais seguros para evitar as grandes dores (MME DE STAEL, 1988 apud KRISTEVA, 2002, p. 177).

No último capítulo dos *Estudos sobre a histeria* (1895), Freud cita que “uma representação intolerável, traumática, que recalcada, se vinga, então, tornando-se patógena” (1996, p. 283). O recalque da dor, a interdição de sua manifestação pública e a obrigação de sofrer só e às escondidas agravam o traumatismo devido à perda de um ente querido (GORER, 1965 apud ARIÈS, 2003, p. 88). Esse agravamento da doença psicológica que caracteriza o mundo moderno que aparece como “o avesso solidário da sociedade da performance e do estresse”, pode ser um apelo em direção à psicanálise.

A negação da morte e a Psicanálise

O homem é o único animal que tem consciência de que vai morrer, não sabe o momento exato, mas a certeza da morte, da condição finita de ser, causa o medo antecipatório, acompanhado da ansiedade que tenciona o sujeito. Para aliviar essa angústia tenta enfrentar este medo das mais diversas formas, seja real ou fantasiosa. Segundo Silva (2007, p.45), “a necessidade humana de assegurar-se imortal, ou seja, de superar sua transitoriedade, remete às mais diversas reações psíquicas, entre as quais reagir negando o que a realidade impõe como verdade, sendo a própria condição humana parte dessa verdade.”

Para Blank (2000, p. 8), “a rejeição da reflexão sobre a morte se revela como sendo a rejeição da reflexão sobre o ser humano”, tendo em vista que pensar a morte leva o sujeito a reconhecer as limitações que lhe são impostas pela condição humana, mas que é parte integrante dela. O ser humano se revela impotente perante essa realidade, fato que reforça no homem a tendência à fuga, à repressão, acentuando a contradição existencial da vida humana em face da morte.

No texto *O estranho* [1919], Freud traz o fenômeno do ‘duplo’, no qual “o sujeito se identifica com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre quem é o seu eu, ou substitui o seu próprio eu por um estranho” (1996, p. 252). Partindo de uma observação de Otto Rank, Freud levanta uma série de possíveis motivações para a emergência da dimensão do ‘duplo’, dentre eles o fato de o eu, na tentativa de proteger-se da morte, investe na crença da alma imortal, sendo provavelmente, o primeiro ‘duplo’ do corpo. ‘Duplo’ criado para desmentir uma realidade insuportável e que, “originalmente, seria uma segurança contra a destruição do ego, uma enérgica negação do poder da morte” (1996, p. 252).

No entanto, conforme o eu alcança estádios mais complexos de desenvolvimento dos próprios contornos (indo além do narcisismo primário), este mecanismo torna-se uma armadilha. O duplo perde seu propósito original de proteção e torna-se persecutório, anunciando justamente aquilo de que se procurava escapar: a realidade da morte, e despertando o desejo de sobreviver-lhe. “Depois de haver sido uma garantia da imortalidade, transforma-se em um estranho anunciador da morte” (FREUD, [1919] 1996, p. 252).

Elisabeth Kübler-Ross (1981) defende que “a morte é frequentemente imaginada como um acontecimento medonho e pavoroso na sociedade, constituindo um temor compartilhado por todos”. Nesse sentido, Freud aponta o estranho como aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, familiar e há muito estabelecido na mente, ou seja,

algo já conhecido que está reprimido no inconsciente, e quando vem à tona causa sensação de medo, terror, estranheza.

A morte não é um pensamento constante na vida do homem, porém ao se deparar com situações de riscos ou com a notícia da morte de alguém, em especial, alguém com uma carga de afeto maior, percebe-se o despertar de sensações e angústias já sentidas, em graus diferentes, que retornam e o levam a pensar a sua finitude. A teoria psicanalítica sustenta que, “em todo afeto pertencente a um impulso emocional, qualquer que seja a sua espécie, transforma-se, se reprimido, em ansiedade. Sendo assim, o elemento que amedronta pode mostrar-se ser algo reprimido que retorna” (FREUD, [1919] 1996, p. 258). O primitivo medo da morte é ainda tão intenso dentro de nós e está sempre pronto a vir a superfície por qualquer provocação.

Para Zilboorg esse temor é, na verdade, uma expressão do instinto de autopreservação, que funciona como um constante impulso de manter a vida e dominar os perigos que a ameaçam.

“Esse gasto constante de energia psicológica na tarefa de preservar a vida seria impossível se o temor da morte não fosse tão constante. O próprio termo “autopreservação” dá a entender um esforço contra alguma força de desintegração; o aspecto afetivo disso é o temor, o temor da morte” (ZILBOORG, 1943 apud BECKER, 2007, p. 37)

Em *Além do princípio e do prazer* (1920), Freud introduz o conceito de pulsão de morte, que se contrapõe e ao mesmo tempo se funde com a pulsão de vida. Basicamente o que ele postula é que vivemos constantemente num estado de conflito entre pulsões de vida e pulsões de morte. As primeiras levam ao crescimento, desenvolvimento; as segundas fazem o movimento inverso, tentando levar o sujeito para um estado inorgânico, como diz Lacan, “é o que faz com que o homem falhe diante do imperativo da vida”. Para Freud, “da ação concorrente e antagônica desses dois, procedem os fenômenos de vida que chegam ao seu fim com a morte” (1996, p. 34).

A pulsão de morte traz em sua especificidade a tendência compulsiva de movimento regressivo de retorno a um estado inorgânico, estado em que não há tensões e o prazer é absoluto, e as pulsões de vida de evitar que a morte ocorra de uma forma não natural. “Daí surge a situação paradoxal de que o organismo vivo luta com toda sua energia contra os fatos (perigos, na verdade) que poderiam auxiliá-lo a atingir mais rapidamente seu objetivo de vida [...] Tal comportamento, entretanto, é precisamente o que caracteriza os esforços puramente pulsionais, contrastados com os esforços inteligentes” (FREUD, [1920] 1996, p. 57).

Segundo Kovács (2002, p. 97), “quando ocorre a “desfusão” das pulsões, e a de morte se encontra livre, predominantemente, nos defrontamos com situações de sofrimento, que podem manifestar-se nas áreas somáticas, mental e social, em todas elas”. A repetição de eventos desagradáveis, como modo de manifestação da pulsão de morte, coloca-se em nítido contraste com a até então suposta hegemonia do princípio do prazer sobre a vida psíquica. O paradoxo está em atingir o prazer evitando o desprazer, desprazer ocasionado pela repetição.

A busca, “compulsiva de repetição”, em direção ao risco de morte, intermedeia o contraponto entre se saber mortal e se desejar imortal. Está no âmago das correlações de forças entre pulsões de vida e de morte que se mesclam no fazer cotidiano, quase que imperceptíveis, de tão intrínsecas à estrutura humana. “A compulsão à repetição está referida a conteúdos recalçados, e o prenúncio de seu retorno exige um movimento de trabalho psíquico para proteger-se dessa ameaça” (SILVA, 2007, p. 73).

Segundo Becker (2007, p. 37), “o temor da morte deve estar presente por trás de todo o nosso funcionamento normal, a fim de que o organismo possa estar armado em prol da autopreservação”, porém esse temor não pode estar de forma constante no funcionamento mental do sujeito, “ele deve ser reprimido de forma adequada, para nos manter vivendo com um pouco de conforto que seja” (ZILBOORG, 1943 apud BECKER, 2007, p. 37).

O desencadeamento de mecanismos de defesa pode ocorrer em função da busca de um equilíbrio interno e um dos mecanismos de defesa mais utilizados em situações como esta é o da negação. Assim, os homens parecem se esquivar da morte ou até mesmo ignorá-la, de forma que o homem parece negar a própria condição de ser mortal.

No ensaio “*Nossa atitude para com a morte*”, contido no texto *Reflexões para o tempo de guerra e morte*, publicado em 1915, Freud faz um importante aporte sobre essa reação subjetiva:

De fato, é impossível imaginar nossa própria morte e, sempre que tentamos fazê-lo, podemos perceber que ainda estamos presente como espectadores. Por isso a escola psicanalítica pôde aventurar-se a afirmar que no fundo ninguém crê em sua própria morte, ou dizendo a mesma coisa de outra maneira, que no inconsciente cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade (FREUD, [1915] 1996, p. 299).

Para Kovács (2002, p.153) “a morte do outro se configura como a vivência da morte em vida; é a única possibilidade de experiência da morte que não a própria morte física”. Com relação a esse pensamento, Labaki (2001, p. 58) aponta que “se pelo lado da identificação com o objeto perdido o homem primitivo aprende que a morte é inevitável, o fato daquele permanecer no psiquismo por conta de tal identificação, mesmo com o desaparecimento da

matéria, proporciona um aprendizado peculiar sobre a morte, sobretudo, no ponto em que fica destituída de seu sentido de aniquilamento.”

O homem retirou da morte seu sentido de aniquilamento para proteger-se da ideia do próprio fim, depois que notou ter sobrevivido e, posteriormente, ter se resignado em relação à morte daqueles que, apesar de amados, também correspondiam a não mais do que hóspedes efêmeros. Sendo assim, Becker (2007) acredita que “a simples certeza de que um dia iremos morrer nos traz muita angústia, uma angústia da separação e da castração.” Separação de uma vida que se já está adaptado, que implica perdas pra quem morre e pra quem sobrevive, rememorando a primeira separação, a do nosso nascimento, a qual inscreve o sujeito no mundo a partir de perdas.

Segundo Freud, sendo a angústia de morte, na verdade, angústia de castração diante da perda e da separação, a castração constitui, assim, a metáfora da morte no psiquismo, vinculando-a a lei e ao desejo. Aqui, desejo e morte, morte e vida, encontram-se entrelaçados, uma vez que a morte presentificada pela castração e pela dimensão da perda é o que permite o acesso à vida e ao desejo. A partir desta abordagem, podemos considerar a morte como o limite que aponta para a possibilidade da vida, entendendo esta como o deslizamento do desejo.

Para Kovács (2002), perda e morte também são sinônimos, uma vez que ambas remetem a vínculos rompidos, a desligamentos e à reorganização da vida interna de quem fica. “A tentativa de elaboração em torno de uma perda é uma questão, desde a origem, cotidiana do enfrentamento humano, dividindo-o entre elaborar ou não o luto dessas perdas” (SILVA, 2007, p.43).

Lacan destaca que “o sujeito se realiza na perda em que surgiu como inconsciente, pela falta que produz no Outro” (LACAN, 1988). Em Freud, ele retoma a concepção sobre o objeto de satisfação, sempre posto como falta. Aquilo que não se nomina, que permanece como um furo interminável. E é em torno da borda desse furo que uma emergência se faz para que algo seja construído em suplência ao insuportável dessa hiância. Nas palavras de Lacan,

Essa coisa, da qual todas as formas criadas pelo homem são do registro da sublimação, será sempre representada por um vazio, precisamente pelo fato dela não poder ser representada por outra coisa – ou, mais exatamente, de ela não poder ser representada senão por outra coisa. Mas em toda forma de sublimação o vazio será determinante (LACAN, 1988, p. 162).

E, nesse sentido, Lacan aponta três modos de sublimação, dentre as incontáveis possibilidades da psique humana, que, por diferentes caminhos, buscam dar um sentido ao inapreensível que se faz emergente nesse lugar vazio: a arte, a religião e o discurso da ciência.

Toda arte se caracteriza por um certo modo de organização em torno desse vazio, [...] a religião consiste em todos os modos de evitar esse vazio [...] e discurso da ciência, na medida em que, para a nossa tradição, é originado no discurso da sabedoria, no discurso da filosofia, opera como uma recusa ao lugar do vazio (LACAN, 1988, p. 162).

Para Lacan, a religião é uma maneira de contornar a “Coisa” que preserva seu lugar de modo mítico sob a forma de algo misterioso que deve ser mantido à distância; a ciência nega a existência da “Coisa” num processo que se assemelharia à forclusão, de tal forma que ela busca desvendar a todo custo o objeto; por fim, a arte é uma forma de circundar a “Coisa” que recria um estado centrado no objeto. Ela expõe o vazio a partir de outro objeto que é colocado nesse lugar.

A arte, assim como a Psicanálise, não se orienta pelo campo das ideias, mas pelo real: o que não engana. Sendo assim, ela dispõe em cena formas de satisfação que vão além do prazer, e se aproximam da angústia. Com isso não é de surpreender que a angústia provocada pela sensação de finitude, seja representada artisticamente, como forma de enfrentamento desse vazio.

“O psíquico é nossa proteção, desde que a pessoa não se feche nele, mas sim o transfira pelo ato da linguagem para uma sublimação, um ato de pensamento, de interpretação, de transformação” (KRISTEVA, 2002, p. 39). O desafio da psicanálise é, portanto, o de transformar essa prisão da alma que o Ocidente construiu como meio de sobrevivência e de proteção, para que o sujeito, através da elaboração, possa se desvencilhar de seus traumas e sintomas.

Diante do confronto com a finitude, a aposta da psicanálise é possibilitar, a partir da escuta, a abertura ao sujeito do desejo, relançando questões sobre a vida. Vimos que a própria morte, irrepresentável no inconsciente, pode ser experimentada pela dimensão da perda, da morte simbólica conferida na castração. Neste sentido, a morte e o limite são abordados pela psicanálise como via de acesso à vida e ao desejo.

Ante os diversos relatos sobre como o homem se relacionou e se relaciona com a morte, evidencia-se que a transformação não aconteceu no homem, mas na sua maneira de lidar com este acontecimento. Pois “a morte constitui ainda um acontecimento medonho, pavoroso, um medo universal, mesmo sabendo que podemos dominá-lo em vários níveis. O que mudou foi nosso modo de conviver e lidar com a morte, com o morrer [...]” (KÜBLER-ROSS, 1981, p. 17).

Não se sabe realmente como devemos enfrentar a morte, ela angustia. Ela separa, aniquila o ser, interrompe a história do sujeito. Ela causa medo, por isto foi banalizada. Mas o

temor desaparece na medida em que a encaramos. Na perspectiva de vivência, para Epicuro, sábio é aquele que vive o presente, e não teme a morte.

Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade (EPICURO *apud* VIANA, 2010, p.30).

Sendo assim, resta ao homem refletir a realidade da morte, vendo-a como um acontecimento inevitável, mas sem travar-se diante da vida, como reflete Freud (1915):

Não seria melhor dar à morte o lugar na realidade em nossos pensamentos que lhe pertence, e dar um pouco mais de destaque aquela inconsciente atitude para com a morte que até aqui temos suprimido com tanto cuidado? Isso nem parece, realmente, uma realização de maior vulto, mais sim um passo atrás... mas tem o mérito de levar um tanto mais em consideração a verdadeira situação... (FREUD, 1996, p. 309)

REFERENCIAL METODOLÓGICO

Segundo Amaral (2007, p.1), “a pesquisa bibliográfica é uma etapa fundamental em todo trabalho científico, que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que der o embasamento teórico em que se baseará o trabalho.” Consiste no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa.

Para a realização do estudo sobre as atitudes do homem diante da morte, buscou-se fazer um levantamento, ainda que breve, dos dados históricos, desde a Idade Média até os dias atuais, bem como de produções científicas que tratam dessa temática, através de uma revisão crítica da literatura, a fim de separar as produções que tem validade daquelas que não tem, levando-se em consideração o rigor científico de como foi produzida e a presença de informações diretamente relacionadas às atitudes do homem diante da morte.

O acesso à bibliografia foi realizado de forma manualmente, através de livros e eletronicamente, por meio de artigos científicos publicados em bases de dados virtuais, por meio das palavras-chaves atitude, morte e tempo; morte e Psicanálise.

CONCLUSÃO

A concepção que se tem da morte e a atitude do homem frente a ela se altera de acordo com o contexto sócio-histórico, cultural, de suas experiências da vida, bem como da etapa do desenvolvimento que cada um se encontra.

Falar da morte é difícil porque, queiramos ou não reconhecê-la, nascemos com um corpo para viver e para morrer um dia, e esse fato decisivo nos coloca diante da realidade limitante a nós imposta, imposta à condição humana de seres mortais. O que nos impede de tratarmos, frente a frente da questão da morte, é a falta de significantes para a representação da morte no inconsciente.

Ainda que o homem moderno tenha consciência de que vai morrer, mesmo que a hora e o dia sejam desconhecidos, existe sempre um desejo de atingir a imortalidade. É pela contradição entre a consciência de que um dia morreremos e pelo profundo desejo que existe em cada um de nós de atingir a imortalidade, que somos levados a construir um processo de expectativa de vida, procurando apagar a morte e negar sua existência.

Pode-se afirmar que hoje se vive num mundo onde se considera a morte uma coisa desprezível, por isso se foge dela, nos condenando à solidão no morrer, bem como ao deixar de viver para que ela não nos chegue com mais rapidez. Talvez refletindo a inevitabilidade da morte, pudéssemos reconhecer o real valor da vida, entregando-se ao desafio não só para viver e sermos socialmente mais úteis, mas também para morrer dignamente e saudar a morte, tendo assim uma visão mais alargada da nossa razão de “ser” e de “estar”. Como cita Ariès:

... não é fácil lidar com a morte, mas ela espera por todos nós... Deixar de pensar na morte não a retarda ou a evita. Pensar na morte pode nos ajudar a aceitá-la e a perceber que ela é uma experiência tão importante e valiosa quanto qualquer outra. (2003 apud SANTOS, 2009, p.3)

Diante disso, espera-se que este estudo contribua para despertar novas investigações sobre a morte, tendo em vista que é uma fonte inesgotável de pesquisas, bem como provocar o leitor, para a reflexão do homem diante da sua finitude, que pode ser encarada como via de acesso à vida e ao desejo de vivê-la, pois como já dissera Nietzsche, em *Assim falava Zaratustra*: “É em ti mesmo que se coloca o enigma da existência: ninguém o pode resolver senão tu!”

THE MAN, THE DEATH AND THE TIME

MARTINS, Fernanda Almeida Vitorino

Death is a disquieting theme that arouses curiosities among laymen and scholars since the dawn of civilization. Given the fact of being a widely investigated and mysterious theme at the same time, it was noticed the need to do a study on the attitudes of mankind facing death. This study was conducted through a bibliographic research in which aimed to survey the historical data since the Middle Ages to the present days as well as scientific works dealing with this theme, analyzing so within this course, the differences of thinking and dealing with the human finitude, in which these attitudes are analyzed in the light of Psychoanalysis. Along the way it was perceived that the death, before experienced with familiarity, it's currently felt strangely. It's because the contradiction between the awareness that one day we will die and the deep desire that exists in each of us to achieve immortality, that we are led to build a case of life expectancy, looking to erase the death and deny its existence, seeing as required awareness about educating for death. In this sense, perhaps admitting death, the human being can alleviate the sadness, decrease pain and suffering, being able to recognize a meaning in life and thus having a broader view of our reason for being and being.

KEYWORDS: Death. Psychoanalysis. Time.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, J. J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Ceará: UFC, 2007. p. 1-21.
- AMURA, C. **O recalçamento da morte na contemporaneidade** [Em linha]. Brasil. Consulta a 10 de Agosto de 2013. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/r00007.htm>.
- ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente**: da idade média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p. 25-103.
- BECKER, E. **A negação da morte**: uma abordagem psicológica sobre a finitude humana. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 31- 47.
- BLANK, R. J. **Escatologia da pessoa: vida, morte e ressurreição**: escatologia I. São Paulo: Paulus, 2000. p. 7-41.
- BREUER, J.; FREUD, S. Estudos sobre a histeria. [1895] In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. II, p. 271-317.
- CUNHA, A. S. **Finitude Humana**: A perplexidade do homem diante da morte. In: 5º Congresso de Pesquisa na Graduação em Filosofia da UNESP, Vol. 3, nº 1, 2010. p. 183-194.
- FREUD, S. Totem e tabu [1913]. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIII, p. 13-169.
- FREUD, S. Luto e melancolia [1915]. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV, p. 245-271.
- FREUD, S. Reflexões para os tempos de guerra e morte [1915]. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV, p. 285-317.
- FREUD, S. O estranho [1919]. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVII, p. 237-269.
- FREUD, S. Além do Princípio de prazer [1920]. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVIII, p. 17-90.
- KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- KRISTEVA, J. Glória, luto e ofício de escrever. In: KRISTEVA, Julia. **As novas doenças da alma**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. p. 171-185.
- KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

LABAKI, M.E.P. **Morte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 55-86.

LACAN, J. O Seminário livro 7: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

MARANHÃO, J. L. S. **O que é Morte**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SANTOS, S. F. **Cuidados paliativos**: discutindo a vida, a morte e o morrer. São Paulo: Atheneu, 2009.

SILVA, J. S. O. da O Enigma da Morte em Machado de Assis. João Pessoa: Ed. Universitária/ UFPB, 2007.

VIANA, Cristina A. **Apostila para o Curso de Pesquisa Filosófica I**. Marília, SP: Faculdade João Paulo II, 2010, p. 30.